

# **LER E ESCREVER FILOSOFIA**

## **(The London Philosophy Study Guide)**

O texto que você tem aqui é uma tradução de parte do *The London philosophy study guide*, que você pode encontrar na íntegra no endereço <http://www.ucl.ac.uk/philosophy/LPSG/>. Este é o guia de orientação para estudo e realização da monografia de colação de grau em filosofia da Universidade de Londres. O guia fornece informações iniciais sobre como ler e escrever filosofia, além de fontes de pesquisa (livros, bancos de dados, periódicos, etc.). Os capítulos subsequentes são divididos por disciplinas da filosofia, apresentando os principais problemas filosóficos e vasta bibliografia especializada. Você encontrará aqui a tradução das partes relativas às orientações sobre como ler filosofia e escrever filosofia, com atenção para a questão do plágio.

Espero que esta tradução possa ajudá-lo (a) em seus estudos e na elaboração escrita de seu pensamento filosófico, além de estabelecer com exemplos o que é, e o que não é plágio.

*José Eduardo Pires Campos Jr.*

*(Coord. Filosofia a Distância – UCB Virtual)*

## **Lendo Filosofia**

Ler filosofia não é fácil em nenhum estágio da carreira de alguém. Alguns dizem ler filosofia por prazer. Sabe-se que Wittgenstein dizia achar a leitura de determinado tipo de filosofia “um tipo de agonia”. Muitas pessoas estão inclinadas a concordar com isto. Quaisquer que sejam as boas intenções dos filósofos em fazer sua produção clara, acessível e agradável de ler, o resultado é raramente melhor que uma prosa monótona e densa com algumas poucas piadas banais. Lembre-se de que você lê filosofia, não pelo prazer do momento, mas pelo que você pode dela retirar.

Então, é importante que você faça de sua leitura de filosofia, uma leitura tão eficiente e recompensadora quanto possível. Para isto você deve manter uma atitude aberta, mas crítica, em relação ao texto. Isto pode ser frequentemente melhor adquirido aproximando-se do texto com um número de questões gerais em mente. Normalmente você não conseguirá tirar tudo que pode do texto até que possa responder as seguintes questões.

### **A. A que conclusões o autor deseja chegar?**

É muito raro que você seja instado a ler um texto no qual o autor não está argumentando a favor ou contra certa tese ou conclusão (a conclusão pode inclusive ser “nenhuma conclusão pode ser alcançada neste tópico”). Entender qual é a conclusão ou tese será o primeiro e mais importante passo em compreender o que se lê.

### **B. Por que esta conclusão é interessante?**

É claro, a conclusão pode não parecer muito interessante para você, pelo menos inicialmente. Mas, você espera, a conclusão deveria ser interessante para seu autor. De que forma? Ela contradiz o senso comum? Ou a visão de algum grande filósofo do passado? Ou algum rival contemporâneo? Geralmente falando, filósofos escrevem para convencer algumas pessoas que têm certa visão. Quem são estas pessoas e que visão é esta? Outra maneira de pensar sobre isto é perguntar a si mesmo por que você foi posto a fazer esta leitura, ou por que ela aparece em uma lista de leituras. Que problema filosófico ela guarda, e como? Com o que mais que você conhece ela se conecta?

### **C. Qual é o argumento?**

Esta é, o mais das vezes, a parte mais difícil. A tese, geralmente, não é apenas afirmada, mas argumentada. Identificar o argumento é determinar premissas ou suposições usadas e determinar que inferências lógicas são feitas. Filósofos são geralmente pouco explícitos sobre isto. Certas premissas serão tomadas como garantidas e, assim, nem sequer mencionadas. Muitos diferentes argumentos podem ser usados, mas não distinguidos apropriadamente. Identificar o argumento ou argumentos, então, frequentemente requer grande habilidade imaginativa e argumentativa, e é indispensável para um real entendimento do texto.

### **D. O argumento é válido em seus termos?**

Esta questão é similar à anterior. Se você pensa que identificou o argumento, mas ele é flagrantemente inválido [no sentido lógico do termo], então pense de novo. Talvez você tenha se enganado com algo. Muitos leitores aplicam um princípio de hostilidade a textos filosóficos, achando que é óbvio que deve haver um sério erro em algum lugar, e tudo o que se precisa fazer é identificá-lo. Ao contrário, uma tática melhor é aplicar um princípio de caridade. Se o argumento parece falho, tente pensar em formas em que pode ser reparado. A tarefa aqui não é a de uma interpretação literal do texto, mas a de construir a mais forte seqüência de pensamento disponível a partir do texto. Isto é o que algumas das melhores e mais criativas produções filosóficas realizam.

Mesmo com seus melhores esforços, nem todos os argumentos podem ser salvos. A maneira mais comum de mostrar a invalidade de um argumento é encontrar um contra-exemplo. Um contra-exemplo a um argumento é um caso no qual as premissas são verdadeiras, mas a conclusão é falsa. Isto mostra que o argumento é logicamente inválido e a próxima tarefa é identificar o erro lógico específico cometido.

Mais comum é que contra-exemplos possam servir de ataque à tese principal, mais do que ao argumento. Se um autor afirma que todos os F são G, force seu cérebro para ver se pode pensar em um F que não é G. Se você pode, você achou um contra-exemplo e (se ele é genuíno) refutou a tese.

Outro defeito comum em argumentos filosóficos é o equívoco, onde um autor usa um termo em mais de um sentido e o argumento só se desenvolve porque esta ambigüidade é ignorada. Isto pode ser muito difícil (e assim muito recompensador também) de detectar.

Ao final de tudo isto, lembre-se de que uma atitude filosoficamente madura e responsável é a de que o entender deve preceder a crítica.

### **E. As premissas do argumento deveriam ser aceitas?**

Mesmo que o argumento seja válido em seus próprios termos, você poderia ainda querer rejeitar a conclusão, talvez porque você tenha encontrado um contra-exemplo a ela, ou porque a conclusão conflita com algo que você acredita. Ela poderia mesmo contradizer algo mais que o autor tenha dito em algum outro lugar. Neste ponto sua estratégia é examinar as premissas ou suposições do argumento. Elas são verdadeiras, ou existem contra-exemplos para uma ou mais delas? Ou talvez existam outras razões para rejeitá-las. Se o argumento repousa em premissas falsas, então ele não prova nada.

### **F. Se aceitamos o argumento e a conclusão, o que mais segue daí?**

Às vezes filósofos são explícitos sobre implicações posteriores de sua visão. Frequentemente eles não são. Se não, aqui está sua chance para verdadeira originalidade.

### **G. Finalmente: uma precaução**

Estas notas pretendem ajudá-lo (a) a ler filosofia. Mas nem tudo que você lê pode ser apreendido por meio destas questões. Às vezes filósofos apresentam seus pontos de vista sem argumentação. Às vezes eles apresentam argumentos aparentemente sem pontos de vista. Alguns filósofos pensam que a suposição guia destas notas – a de que a filosofia requer argumentos para chegar a conclusões – é um erro vulgar e a filosofia de verdade precisa de algo mais. Em

todos estes casos, seguir este guia ao pé da letra vai levar apenas à frustração. Mas você ainda pode aplicar o espírito: aproxime-se do texto com abertura, mas criticamente; tente determinar porque se pensa o texto ser filosoficamente interessante; tente exercitar como ele se conecta com outras coisas que você sabe. Não leia apenas: pense.

## Escrevendo Filosofia

*“Estilo é a pluma na flecha, não a pluma no chapéu”.*

Peter Lipton

### A. Confusão

Escrita confusa faz o leitor desconfortável. Ela não é gramatical, não é clara, é fragmentada, ou simplesmente muito difícil de se seguir. Uma causa da escrita confusa é não usar suas próprias palavras. No lugar, você se fia nas frases e construções do autor que você está discutindo. A mistura resultante do estilo do autor e o seu é quase sempre confusa. Mesmo se você está descrevendo a visão de alguém, use suas próprias palavras. A mais geral e importante causa de confusão, contudo, é simplesmente a falta de revisão. A maioria dos escritores produz sentenças confusas na primeira elaboração; bons escritores tomam um tempo para revisar sua escrita e sabem como localizar confusão e como eliminá-la. Você deveria assumir que a primeira redação de cada sentença terá que ser ajustada. Escrever em um processador de texto pode fazer esta revisão mais fácil e consumir menos tempo. A melhor maneira de testar se há confusão é ler seu texto em voz alta. A maioria das pessoas tem um melhor ouvido que olho, e se soa bem usualmente será lido melhor.

### B. Empatia

Uma vez que você entenda algo, é difícil lembrar o que era não entendê-lo; mas você deve fazer isto para conduzir sua argumentação. Para escrever eficazmente você deve se colocar no lugar do leitor (faça de conta que seu leitor não é o professor e sim um amigo que não está na sua turma). O leitor não pode ler sua mente e ele ou ela não passaram cinco horas pensando sobre seu tópico. Assim, ele ou ela precisam de muita ajuda. Não apenas explicita seu ponto de vista, explique-o. Dê um exemplo. Aborde por diversos ângulos. Acima de tudo, mantenha sua escrita concreta, mesmo em um assunto abstrato como a filosofia, porque escrita abstrata perde o leitor. Em acréscimo para manter seu leitor a bordo, empatia ajuda a calcular o que é necessário para convencê-lo de que o que você escreve é verdadeiro. Você já acredita em si mesmo, mas seu leitor precisa de um argumento. Pense em si mesmo como vendendo seu ponto de vista ou em se defendendo frente a um júri.

### **C. Coreografia**

Um ensaio não é uma lista de sentenças: ele possui estrutura. A estrutura deveria ser óbvia ao leitor. Escreva introduções e conclusões informativas. A introdução deveria não somente introduzir o tópico, ela deveria introduzir seu argumento. Isto significa que você deveria contar ao leitor o que você vai provar e como irá fazê-lo. A menos que a introdução dê ao leitor um mapa claro do ensaio, é provável que ele ou ela se perca. Seja direto e específico. Substitua sentenças como “Através dos tempos, as mais brilhantes mente têm ponderado sobre o intratável problema do livre-arbítrio” por “Neste ensaio, eu defenderei que o livre-arbítrio é impossível”. A conclusão do ensaio deveria dizer ao leitor o que foi realizado e porque o esforço valeu a pena. Ela deveria lembrar ao leitor como os diferentes movimentos no corpo do ensaio se juntam para formar um argumento coerente.

Pense em seu ensaio como composto de uma série de movimentos descritivos e argumentativos. Cada movimento maior merece um parágrafo. Falando de forma geral, um parágrafo deveria começar com uma sentença de transição ou uma sentença tópico. Uma sentença de transição indica como o parágrafo segue do anterior; uma sentença tópico diz sobre o que o parágrafo é. Ambos os tipos de sentença são mapas miniaturas. No meio do parágrafo você poderia querer fornecer outro mapa, explicando como o movimento que você está fazendo está conectado com outros que já fez ou fará. A ordem de seus parágrafos é crucial. O leitor deveria ter um sentido claro de desenvolvimento e progresso enquanto lê. Parágrafos posteriores deveriam construir sobre o que veio antes e o leitor deveria ter um sentimento de movimento firme e direcionado. Para adquirir este efeito, você deve se certificar de que suas sentenças se sustentam juntas. Pense em uma cola. Você pode colar mapas, sentenças de transição e palavras, e especialmente a lógica de seu argumento.

### **D. Originalidade**

Há espaço para originalidade mesmo quando você tem que fornecer uma descrição acurada da posição de alguém. Você pode ser original usando suas próprias palavras, suas próprias explicações e seus próprios exemplos. Com certeza, em um ensaio crítico há muito mais alcance para um trabalho original; a maior parte dos argumentos deveria ser sua. Isto preocupa alguns estudantes de filosofia iniciantes, que pensam não saberem como surgir com seus próprios argumentos. Não iluda a si mesmo (a): Platão não usou todos os bons e fáceis movimentos, nem você precisa ser um Platão para produzir filosofia original. É difícil ensinar originalidade, mas aqui temos três técnicas que podem ajudar. Primeiro, faça distinções. Por exemplo, no lugar de falar de conhecimento em geral, distinga conhecimento baseado no que os outros te contam de conhecimento baseado em sua própria observação. Frequentemente, uma vez que você faça uma boa distinção, você irá perceber uma linha de argumento frutífera e original. Segundo, considere recuos. Se você faz uma objeção a um dos argumentos de Platão, não suponha que ele imediatamente admitiria a derrota. Ao contrário, faça uma réplica em favor de Platão: a “dialética” resultante irá ajudá-lo com seus próprios argumentos. Por último, jogue o jogo

do “por quê”. Como você aprendeu quando criança, a qualquer coisa que alguém diga, você pode sempre perguntar “por quê?”. Jogue este jogo com suas próprias reivindicações. Ao forçar-se a responder um pouco destes “por quês?”, você irá forçar sua criatividade. A técnica do jogo do “por que” sugere um ponto mais geral. Frequentemente o problema não é falta de originalidade; é mais de originalidade não explorada. Quando você tem um bom ponto, não o apresente em apenas uma sentença. Faça mais com ele: explique-o, estenda-o, dê um exemplo e mostre conexões. Force suas boas idéias tão fundo quanto elas iriam.

## Plágio

Qualquer trabalho culpado de plágio irá levar a uma nota de reprovação em um ensaio. Para evitar esta possibilidade, por favor, mantenha em mente quando submeter um trabalho:

1. Citações diretas deveriam estar entre aspas, com referência da fonte, incluso numero das páginas.
2. Citações indiretas/parafraaseadas e idéias emprestadas deveriam ser creditadas por meio de referência.
3. Uma bibliografia de trabalho consultada e utilizada deveria estar anexada ao ensaio.

Abaixo temos um exemplo do que é, e do que não é plágio, preparada por Richard Dennis do Departamento de Geografia da UCL (University of London). Se você se preocupa sobre isto em seu trabalho, por favor, discuta o assunto com seu tutor ou coordenador de curso.

### **UM EXEMPLO: OBSERVAÇÕES SOBRE A LUTA DE CLASSES**

Richard Dennis

1. A história de todas as sociedades que existiram até agora é a história da luta de classes. A sociedade como um todo está cada vez mais se separando em dois grandes campos hostis, em duas grandes classes em direta contraposição: Burguesia e Proletariado. Massas de trabalhadores, enchendo fábricas, organizados como soldados. Não somente são escravos da classe burguesa e do Estado burguês; são diariamente e de hora em hora escravizados pela máquina, pelo supervisor, e sobre todos, pelo próprio industrial burguês. Os proletários não têm nada que perder, a não ser suas correntes. Eles têm um mundo a conquistar.

**Isto é plágio. Não há tentativa em indicar que estes não são os pensamentos do autor do texto, mas palavras tomadas diretamente de diferentes partes do Manifesto Comunista de Marx.**

2. Marx e Engels notaram que a história de todas as sociedades que existiram até agora foi a história da luta de classes. Sociedades como um todo se separaram mais e mais em dois campos hostis, em duas classes em direta contraposição: Burguesia e Proletariado. Eles observaram que o proletariado nada tem a perder, a não ser sua correntes. Eles têm um mundo a conquistar.

**Isto ainda é plágio. Embora as idéias sejam atribuídas a Marx e Engels, não há indicação de que a forma das palavras não é do autor do texto. Apenas mudá-las para o tempo passado não as fazem originais.**

3. No Manifesto Comunista, Marx e Engels (1973, p.40) notaram que “A história de todas as sociedades que existiram até agora é a história da luta de classes”. Eles argumentaram que a sociedade estava “se separando mais e mais em dois campos hostis, em duas grandes classes em direta contraposição: Burguesia e Proletariado” (p.41). “Massas de trabalhadores, enchendo fábricas” estavam “organizados como soldados... escravos da classe burguesa e do Estado burguês” (p.52). Eles concluíram que “Os proletários não têm nada que perder, a não ser suas correntes. Eles têm um mundo a conquistar” (p.96).

**Isto não é plágio, mas se tudo no que o seu ensaio consiste é um conjunto de citações postas juntas, isto não sugere que você tenha pensado sobre ou entendido o conteúdo das citações. Assim o autor não receberia muitos pontos do avaliador por isto!**

4. Em uma das mais famosas primeiras sentenças escritas, Marx e Engels (1973, p.40) começam o Manifesto Comunista assim: “A história de todas as sociedades que existiram até agora é a história da luta de classes”. Eles prosseguiram exemplificando esta afirmação ao mostrar como a estrutura da sociedade desenvolveu, em sua visão, duas classes interdependentes, mas antagônicas.: burguesia e proletariado. A última composta pelos trabalhadores industriais, que foram reduzidos a não mais que escravos do trabalho; mas como se tornaram concentrados geograficamente, nas grandes cidades fabris da Revolução Industrial, assim tiveram a oportunidade de se organizar politicamente. A partir daí, a conclusão dos autores de que uma revolução comunista era não só desejável, mas possível, os levou a formular sua igualmente famosa exortação final (p.96): “Trabalhadores do mundo, uni-vos!”.

**Isto pode não ser um comentário muito profundo, mas pelo menos é um comentário!**

Tradução: José Eduardo Pires Campos Júnior (30/04/2007)